

DA SERPENTE AO OVO: A HERANÇA NAZIFASCISTA NO DISCURSO DA NOVA DIRETA FRANCESA A PARTIR DA REVISTA *TERRE ET PEUPLE* E OS SEUS USOS DO PASSADO ANTIGO

Victor Barone*

RESUMO

O grupo em foco, integrante da extrema-direita francesa, se manifesta através de publicações acadêmicas na revista trimestral *Terre et Peuple* (Terra e Povo), construindo nesse magazine o seu ideário de história e de política. Através deste periódico o círculo direitista produz-se e realiza-se intelectualmente no campo cultural, levando a efeito publicações sobre a história nacional, regional e europeia, que visam preservar sua identidade étnica. À visto disso, captar o discurso do grupo promove a apreensão do movimento da *Nouvelle Droite*, uma dinâmica política e cultural herdeira direta, em muitos aspectos, como veremos, da doutrina nazifascista, embora não se configure o seu renascimento genuíno. De certa forma, compreender a performance reacionária novo-direitista permite-nos aferir que restam muitos resquícios doutrinários do passado nacional socialista, a bem saber os seus usos e abusos do passado antigo.

Palavras-chave: *Terre et Peuple. neopaganismo. Nouvelle Droite. extrema-direita. fascismo. Usos do Passado. identidade. racismo.*

* Graduando em história pela Universidade de São Paulo (FFLCH), beneficiário de bolsa FAPESP de iniciação científica sob a orientação do professor Glaydson José da Silva. Processo nº 2017/26672-6, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. (victor2.barone@usp.br)

FROM SERPENT TO THE EGG: THE NAZI-FASCIST HERITAGE IN THE SPEECH OF THE NEW FRENCH RIGHT WING LOOKING TO *TERRE ET PEUPLE* MAGAZINE AND ITS USES OF THE ANCIENT PAST.

ABSTRACT

The group studied, a member of the French extreme right, manifests itself through academic publications in the quarterly magazine *Terre et Peuple* (Earth and People), building on this magazine its ideals of history and politics. Through this magazine, the right wing circle is produced and realized intellectually in the cultural field, in order to elaborate publications of national, regional and European history, which aimed at preserving its ethnic identity. After that, capturing the group's speech promotes the apprehension of *Nouvelle Droite's* movement, a political and cultural dynamic directly inherited in many ways, as we shall see, from the Nazi-fascist doctrine, although it does not configure its genuine rebirth. In a way, understanding the reactionary new-rightist performance allows us to gauge that there are many doctrinal remnants of the national-socialist past, to know, its uses and abuses of the ancient past.

Keywords: *Terre et Peuple. neopaganism. Nouvelle Droite. extreme right. fascism. Uses of past. identity. racism.*

“Ainda está fecundo e procriando o ventre de onde isso veio engatinhando”²

Em *Paisagens Imaginárias*, Beatriz Sarlo, ao investigar o filme Shoah, em que os restos materiais dos campos de concentração nazistas são convidados a proporcionar um novo sentido à crítica do presente, promove um questionamento acerca da história do Holocausto. A autora empenha-se não em imprimir potência a esta execrável memória, mas sim dificultar a

² Bertolt Brecht, em “A resistível ascensão de Arturo Ui – Epílogo”. In: KONDER, Leandro. Introdução ao Fascismo. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2009. p.107.

sua inexorável deterioração, para que nunca seja esquecida, e sim sempre condenada pela razão. Pois, “voltar a esta questão não é, portanto, mero exercício da memória factual, mas da memória das razões da condenação” (SARLO, 1997: p.42). Ao trabalhar a questão da História em confronto ao esquecimento, a escritora, mais adiante, convida a refletir: “o que resta desse passado no presente?” E é a partir deste lugar epistemológico que haverá de se responder as questões propostas aqui. O que resta das ideologias nazistas e fascistas nos dias de hoje, mais especificamente na França?

Esta é, sem dúvida, uma pergunta extremamente difícil de responder, mas também indispensável para uma historiografia do tempo presente. “Não se trata de afirmar apenas ‘isto foi feito’, mas ‘isto pôde (e pode) ser feito’.” (SARLO, 1997: p.42). O que aqui se intenta não só investigar, é o grupúsculo *Terre et Peuple*, cuja principal bandeira empunhada é a do que se denomina “resistência identitária”, que engloba a luta por uma sociedade neopagã, aristocrática e de identidade absoluta. O grupo, que integra o universo da extrema-direita francesa atual, ou *Nouvelle Droite*³, se manifesta através de revistas de publicação trimestral, que tem como temas questões como História Antiga, Arqueologia, política, imigração, globalização, mitos nacionais e regionais, etc.... Nesse sentido, o seu principal objetivo, que advém desta produção intelectual como atividade basilar, é “conscientização do povo francês” para o que é designado de uma “Guerra Étnica”. Esta

³ A expressão “*Nouvelle Droite*” é utilizada na França a partir de 1978 para designar o GRECE - *Groupement de Recherche et d'Étude pour la Civilisation Européenne* -, mas, por extensão, para se referir, desde 1979, ao conjunto formado pelo GRECE e pelo Club de l'Horloge. Cf. TAGUIEFF, Pierre-André. *Sur la Nouvelle Droite*. Paris: Descartes e Cie, 1994, p.9). Contudo, um uso pouco recorrente, mas, que conheceu uma certa difusão, é aquele que designa, por esse nome, as direitas francesas do pós Segunda Guerra. Cf. SILVA, Glaydson José da. *História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o Regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume, 2007.

conscientização se dá através da metapolítica⁴, isto é, da batalha de ideias para a obtenção de uma hegemonia cultural e de um consenso em torno da ideia de nação e de sobrevivência étnica, com o fundamental intuito de que, através da religião neopagã, estruture-se o que seria o reestabelecimento de uma sociedade nos moldes das organizações sociais do mundo Antigo.

Tendo em vista que “os eventos passados não mudam” e o que muda, contudo, é a “nossa compreensão sobre eles” (SILVA, 2019: p. 07), faz-se imperativo denotar que essa manipulação da história é o campo metodológico pelo qual circunda nosso objeto. Pois, o passado indo-europeu, gaulês, romano, grego, e galo romano é instrumentalizado de forma inerente na construção dos ideários de ação de diversas seitas e partidos políticos de extrema-direita, e também “um dos grandes pilares de sustentação da legitimidade das propostas xenófobas e racistas de diferentes grupos.” (SILVA, 2019: p. 07). Além disso, o uso da História do mundo Antigo fundida à concepção de História nacional, como legitimadora da ideia de povo e terra, em uma relação intrínseca de ancestralidade, é instrumento essencial para a construção do discurso do grupo e para a sua manifestação intelectual, como o foi para as ideologias fascista e nazista.

Desse modo, apreender a história do grupo, através da revista, e também os usos que se fazem do passado indo-europeu, é de fundamental importância para a história, tanto como contribuição científica, quanto como crítica do presente, uma vez que “temos uma responsabilidade pelos fatos históricos em geral e pela crítica do abuso político-ideológico da história em particular.” (HOBBSAWM, 1998: p.20). Além de este campo de estudo dispor de poucas produções científicas a respeito, é de enorme valor a captura

⁴ Metapolítica aqui deve ser entendida como os espaços exógenos à política de fato. Isto é, se referem aos campos de ação política externos ao campo eleitoral e à máquina estatal: universidades, escolas, igrejas, periódicos, instituições comunitárias, etc.

acadêmica do movimento histórico da extrema-direita, no caso francesa, como forma de entendimento e combate, uma vez que esse discurso é um desdobramento direto das ideologias nazista e fascista, reproduzidas pelos colaboracionistas franceses, como ficará claro a seguir.

A *Nouvelle Droite*, e aqui se inclui o grupo *Terre et Peuple*, se mostra em progressivo avanço no cenário político e cultural, não só europeu, mas mundial, como por exemplo a França, aonde “o ressurgimento do Front National está ligado ao colapso do modelo econômico e social fordista.” (GOODLIFFE, 2013: p.97). Esta guinada mundial à direita não é fruto somente dos embates entre os antagônicos campos políticos. Pelo contrário, ela deriva do campo econômico, definidor dos devires políticos. Por esse motivo, quando de uma crise cíclica e inerente do modo de produção capitalista, os setores políticos conservadores e reacionários são chamados a desempenhar a manutenção dos arranjos sociais e produtivos com o intuito de recondicionar para um crescente a taxa de lucro. É o que ocorreu na fase imperialista do capitalismo, com a hiperinflação alemã de 1923 e crise de 1929, de onde proveio o nazifascismo (COGGIOLA, 2019), e é o que ocorre hoje, a partir da crise do modelo neoliberal em 2008.

Sabe-se que, tendo como base o pensamento marxista, as crises são inerentes ao modo de produção capitalista, isto é, são necessárias para a sua reprodução e manutenção: nas palavras de Silvio Luiz de Almeida⁵, em *O ódio como política* (org. Esther Solano), essa disfuncionalidade (a crise):

diz respeito à incapacidade de um determinado arranjo social da produção capitalista de manter os níveis de extração do mais-valor diante da queda na taxa de lucro e, ao mesmo tempo,

⁵ Almeida é pós-doutor em filosofia e teoria geral do direito pela Faculdade de Direito da USP, professor universitário, presidente do Instituto Luiz Gama e autor de *Sartre: direito e política* (Boitempo, 2016), entre outros.

manter sob controle os conflitos e os antagonismos sociais.
(ALMEIDA, 2017. p.30).

Nesse sentido, em momentos como esse, em que o pensamento neoconservador se esforça para manter as formas sociais e contraditórias do sistema capitalista, a democracia e a cidadania são colocadas em cheque. Ou seja, os direitos civis, trabalhistas e de minorias, se fazem naturalmente como inimigas do capital e, por esse motivo são suprimidas violenta, e ideologicamente, por forças autoritárias do estado burguês. A *Nouvelle Droite*, ou Nova Direita, ganha força política e ideológica neste contexto, incluindo grupúsculos intelectuais como o em análise.

Destarte, o jogo político, palco deste conflito entre classes (fruto do modo de produção), é protagonizado pelas forças à esquerda e à direita; algumas delas guinam radicalmente aos polos. Esquerda e Direita, por definição, se diferenciam pela noção atribuída ao ideal de igualdade, e dizem respeito a programas contrapostos realizados no campo de ação política. Nas palavras de Norberto Bobbio,

Em nome da igualdade natural, o igualitário condena a desigualdade social; em nome da desigualdade natural o inigualitário condena a igualdade social. (BOBBIO, 1995: p.122)

Dentre as alas radicalmente envergadas para um lado ou para o outro, tem-se a extrema esquerda e a extrema-direita, contrapostas, em essência, pelo ideal de igualdade/desigualdade natural e pela concepção ontológica do movimento histórico. A primeira empunha a bandeira vermelha e luta pela superação material do modo de produção capitalista e pelo desaparecimento das classes. A outra, que é a que interessa a esta pesquisa, é o fascismo e as suas variações filosóficas e históricas, mais especificamente os seus

desdobramentos intelectuais que emergiram desde o pós-guerra até o momento presente.

“É quase unânime entre os especialistas que os movimentos direitistas desta vertente [*Nouvelle Droite*] não constituem um ‘ressurgimento’ do Nazismo e mesmo, do Fascismo” (SILVA, 2019: p. 18), todavia, a manipulação da Antiguidade e, sobretudo, a imaginação de um futuro, produto de uma contrarrevolução, se aproximam em demasiado pelo o que foi levado a cabo por estas doutrinas. No que se refere ao grupo *Terre et Peuple*, e a produção intelectual de seus membros, que se manifesta através da revista, essa relação com as doutrinas fascista e nazista ficará mais clara a seguir. Por ora, cabe traçar um paralelo entre essas doutrinas, que não caíram por terra com o fim da segunda guerra mundial, mas se mantiveram presentes no imaginário intelectual de muitos grupos e se mostram em progressivo avanço na atualidade.

Europe Action, *GRECE*, *Front National*, *Organização Armada Secreta*, e outros, são todos, em maior ou menor grau, herdeiros dos Colaboracionistas, e de simpatizantes do nazismo que se mobilizaram na França ocupada para o estabelecimento de um estado racial e corporativista. Grandes nomes desses grupos como Pierre Vial, Dominique Venner e Alain de Benoist foram, ou ainda são, atuantes no movimento da *Nouvelle Droite*, principalmente no grupo que aqui se estuda. À vista disso, tracejar o movimento desses grupos e personalidades é conceber a história da extrema-direita francesa e, ao mesmo tempo, denotar as raízes ideológicas e históricas de *Terre et Peuple*. Ao fazê-lo, é possível constatar que o que aqui se investiga é ligado *ab origine* ao fascismo alemão.

Compreender a atual extrema-direita francesa como herdeira ideológica do nazi-fascismo, exige, antes de tudo, um exercício de balanço historiográfico

em torno dos círculos, partidos e personalidades que colocaram-se em movimento no pós-guerra em favor de uma pauta desmoralizada e cadavérica. Esta ideia desgastada, mas sempre latente, implorava por ser reinventada e continuada, sobretudo na França após ao Regime de Vichy.

O governo colaboracionista de Vichy, dirigido pelo marechal Phillippe Pétain, declarou cooperação total aos alemães que ocupavam o território francês, de forma a promover medidas à altura do terror nazista, como, por exemplo, a caça aos judeus, aos comunistas e aos imigrantes. Pétain instalou na França um estado corporativista, de harmonia de classes, em cooperação com os nazistas, a fim de engendrar uma “Revolução Nacional”, sustentada pelo jargão “trabalho, pátria e família”.

Com o fim da segunda guerra, no entanto, as mesmas vozes reacionárias que bradavam ideias ultranacionalistas e racistas se colocam em movimento pela não descolonização da Argélia, entendida como francesa por direito histórico. A dominação francesa do território argelino colocada em cheque pelo governo de De Gaulle, faz emergir dos confins do reacionarismo um movimento contrarrevolucionário violento: a OAS (Organização Armada Secreta). Este grupo paramilitar neofascista anti-Gaulle promove ataques terroristas, no início dos anos sessenta, contra comunistas, muçulmanos e, intrepidamente, contra De Gaulle e Jean-Paul Sartre, este integrante da esquerda revolucionária (ANDRADRE, 2015: p.301). Em 1962, com a assinatura do Acordo Evian, concretiza-se a independência argelina e com isso a OAS perde forças e se desintegra no ano seguinte, para a frustração de Dominique Venner, um ardoroso integrante.

Venner, um historiador francês de extrema-direita, que utilizou a história a serviço de sua luta cultural, racista e xenofóbica, atuou desde jovem nos movimentos nacionalistas, inclusive servindo como militar na Argélia

(OLIVEIRA, 2013: p.294). É personagem central na fundação do *Europe Action*, juntamente de Alain de Benoist (importante intelectual de *Terre et Peuple*). *Europe-Action*, por sua vez, é um grupo de ultradireita marcado por convicções nacionalistas e europeístas; foi criado em 1963 e está ligado umbilicalmente ao surgimento da *Nouvelle Droite*; o grupo terá uma curta trajetória intelectual, deixando de existir em 1966. E.A é uma incubadora para jovens militantes chamados a exercer um importante papel na extrema-direita francesa no fim do século XX, como Benoist, Vial e Duprat (LEONI, 2018: p.06). Como mostrado por Silva, o periódico do *Europe Action* conta com um “*Dictionnaire du militant*”, aonde encontram-se definições para conceitos chave da nova direita. Na publicação da edição número 05 Venner irá dizer:

nacionalismo “*Doutrina que exprime em termos políticos a filosofia e as necessidades vitais dos povos brancos. Doutrina de energia, doutrina da Europa, doutrina do real, doutrina do futuro*” (p.72); Ocidente “*Comunidade de povos brancos. Comunidade de cultura*” (p.73). Povo: “*uma unidade biológica confirmada pela História*” (p.74) e civilização: “*resultado das possibilidades criadoras do povo... a cultura ocidental (povos brancos) mostra uma incontestável superioridade*” (p.59). (in: SILVA, 2019: p.10)

Personagem de grande influência na configuração daquilo que hoje se chama de *Nouvelle Droite*, Dominique Venner suicidou-se no altar da Catedral de Notre-Dame, em um ato simbólico e político. Sacrificou-se, segundo uma carta deixada por ele, “para romper a letargia que nos [franceses/europeus] abate”, com o intuito de defender a “identidade de todos os povos em suas casas”⁶, numa tentativa clara de mover o povo francês e europeu para uma insurgência contra a imigração e contra a “dissolução” da cultura europeia.

⁶ Trechos da carta de Dominique Venner levada a público no dia de seu suicídio, em Paris, maio de 2013.

Como legado intelectual e político, Venner deixou os movimentos de extrema-direita com uma nova máscara. Seu ensaio *Para uma Crítica positiva*, ao lado do pensamento de Pierre Vial e Alain de Benoist, configura-se como ponto de virada no discurso direitista radical, agora repaginado (ou mascarado) visando desvencilhar o seu pensamento dos colaboracionistas de Vichy, além de impedir o avanço do marxismo⁷. Com este pensamento Venner impetrava que era necessário combater através da cultura, por meio da disseminação de ideias, de modo a construir, aos poucos, uma hegemonia cultural da extrema-direita, em que esta passaria a ocupar espaços no imaginário social; ideia, certamente, apropriada de Antonio Gramsci (guerra de posições e hegemonia). “Em uma virada de discurso, os novo-direitistas que em sua juventude defendiam a supremacia da raça branca, vem agora promover a sua preservação em nome da diferença e do risco de ‘etnocídio’.” (LEONI, 2018: p.06). Em relação a esta dissimulação, ou reinvenção do discurso direitista no pós-guerra, Pierre Milza irá dizer:

A extrema direita não se reinventa de fato no pós-guerra. Ela circunda um cemitério de ideias. Ela ruma velhas formulas e contempla velhas luas, à luz das tochas românticas. Suas legiões esqueléticas se defrontam com o sentimento confuso de um debate de outra era. Um neo-qualquer coisa: neo-nacionalista, neo-fascista, neo-vickista, neo-monarquista ou um pouco de cada um, tendo percebido que o mundo mudou e chegou o momento de se reinventar (MILZA, 2002: p.193).

Inserido neste contexto de reinvenção do ideário direitista, é fomentada a emergência de uma frente nacional pela unidade francesa, ou *Front*

⁷ Vale ressaltar aqui que esta repaginada do pensamento novo-direita, levada a cabo por Venner e Alain de Benoist, tem consigo a incorporação de ideias de todas as frentes políticas, inclusive do marxismo, com a adoção de conceitos gramscianos (hegemonia, sociedade civil e estado)

National (1972); um partido que irá reunir as inúmeras facetas da velha direita fracionada e desmoralizada em um amplo movimento de reinvenção, ou dissimulação, no início dos anos 70. “De início, o F.N foi uma mistura de várias vertentes do pensamento conservador, incluindo os nostálgicos de Vichy e os anti-Gaule, os neofascistas, intelectuais e ativistas, sob a liderança de Jean-Marie Le Pen” (ANDRADRE, 2015: p.60). Dessa origem multifacetada do pensamento reacionário o F.N herdou ideais que advinham de velhos círculos direitistas: o culto ao líder e o ultranacionalismo da OAS, a xenofobia, a ideia de “Revolução Nacional” de Pétain e a hierarquia interna inspirada no Regime de Vichy (ANDRADRE, 2015: p.62). O conceito de necessidade de resguardo máximo da identidade nacional frente as ameaças causadas pela imigração islâmica e pela globalização ganhou força nos últimos anos com a ascensão de Marine Le Pen à direção do partido, ao lado de Bruno Golnisch. Hoje, a filha do velho Le Pen conseguiu suavizar o discurso novo-direitista e torna-lo aceitável em um momento de crise imigratória e crise econômica. Tem-se, atualmente, fomentado a realização de uma aliança entre classe trabalhadora e *petit-bourgeoise*, visando a promoção de um estado de bem-estar social excludente e desigual, direcionado somente aos franceses: “O F.N teve sucesso em combinar o apelo entre os pequenos independentes da extrema-direita com um ‘welfare chauvinism’ direcionado à classe trabalhadora.” (GOODLIFFE, 2013: p.97). Destarte, “trata-se, entretanto, de um novo tipo de welfare. Não mais universal, inclusivo e solidário, [sendo] o acesso a direitos e serviços exclusivamente aos membros da preexistente comunidade nacional.” (MUSTO, 2015). Mais recentemente, a agitação dos *Gilet Jaunes*, por perda de poder de consumo e em protesto a um novo imposto no combustível, tem dado voz ao F.N, possibilitando que este dê forma e corpo às reivindicações. É importante ainda ressaltar que esse

movimento tem sido fortemente apoiado pelos membros de *Terre et Peuple* através de suas páginas na rede social Facebook.

De volta à segunda metade do século XX, a ressurgência avultada dessa direita “repaginada” no cenário político da França se deu, certamente, em razão de um sentimento nacionalista e *identitário* em oposição à *mundialização* e à então “ameaça comunista”. Para sustentar e, artificialmente, construir esse ideal nacionalista no campo intelectual surge, em 1969, em Nice, o GRECE⁸ (*Groupement de Recherche et d'Études pour la Civilisation Européenne*), como fruto dos esforços de Venner, Alain de Benoist, Jean Haudry e Pierre Vial. Constituído essencialmente por intelectuais, oriundos em sua maioria do *Europe-Action*, tem por principais meios de atuação um conjunto de publicações acadêmicas e a organização de colóquios, fundamentados mormente nas áreas da História Antiga, Arqueologia e Filologia.

O GRECE se faz o embrião mais fundamental do espectro novo-direitista europeu no campo das ideias, estando “no coração da alquimia da Nova Direita” (DURANTON-CRABOL, 1989: p. 39), e sua sina é fundamentar e defender historicamente uma identidade única para o velho continente, através de uma “revolução cultural, antimarxista, antiamericana e demarcada pela diferença biológica e étnica” (DURANTON-CRABOL, 1989: p. 39). Isto é, buscar, através da arqueologia, da história e da filologia, reviver e enaltecer o antecedente branco indo-europeu, a fim de se construir, mesmo que às custas de distorções científicas, uma pedra angular para a construção de uma nação europeia, radicalmente enaltificada, e de um ancestral branco e “puro” em comum que deve ser preservado. No entanto, de modo peculiar no universo direitista, o grupo rompe com o catolicismo e o elege como

⁸ Segundo Silva, “A sigla do grupo remete não só à antiguidade, fazendo referência à Grécia Antiga, mas à própria ideia de um patrimônio intelectual europeu, o que se conjuga facilmente com os ideais que persegue.” (SILVA, 2019: p.11)

ideologia negativa, precursora dos ideais de igualdade e, de modo paradoxal, de aspirações autoritárias, por seu caráter monoteísta e absoluto (MILZA, 2002: p.201). Nesse sentido, nas palavras de Tristan Leoni, a “Nova Direita se caracteriza sobretudo por sua fibra pagamista e sua hostilidade ao cristianismo, responsável, através do universalismo e do igualitarismo, pela decadência europeia.” (LEONI, 2018: p.06).

Para estear sua ideologia extremada e radical, o grupo se vale de uma chave de interpretação da História Antiga e da Arqueologia do mundo antigo, elegendo-as como instâncias constitutivas e legitimadoras de uma longínqua história Nacional⁹. A teoria da tripartição sócio funcional, de George Dumézil¹⁰, acerca dos indo-europeus, se faz elementar ao grupo, que considera esse povo como o primeiro e mais puro representante do homem europeu; dele descenderiam os romanos, gauleses, gregos, galo romanos, os francos, e os celtas, os antepassados tão fartamente mobilizados por seus “descendentes”. A recuperação, manutenção e a articulação, no presente, desta identidade ancorada no passado se desdobra na aversão aos imigrantes, em sua maioria muçulmanos advindos do oriente e do norte africano; estes são encarados, primeiramente, como responsáveis por todas as mazelas sociais e por problemáticas da ordem econômica e, em seguida, como ameaça à “pureza” dessa sagrada identidade oriunda do homem branco indo-europeu. “O medo e a agressividade em relação aos ‘outgroup’, como se sabe, não tem nada de novo como ingredientes de síndromes de extrema-direita” (PIERUCCI, 1999: p. 59).

⁹ Cabe aqui ressaltar que levamos em conta uma similitude assídua, assumida por muitos grupos da extrema direita, entre História Antiga e História Nacional; essas instâncias muitas vezes se confundem e se fundem no que diz respeito à crença da origem única dos povos europeus, advinda dos povos indo-europeus.

¹⁰ Dumézil Georges. Science et politique. Réponse à Carlo Ginzburg. In: Annales. Economies, sociétés, civilisations. 40^e année, N. 5, 1985. pp. 985-989;

A teoria de Dumézil sobre a tripartição sócio funcional das sociedades indo-europeias traz como corolário a ideia de ancestral, língua e herança comuns entre os europeus, logo, de uma cultura compartilhada, o que, a partir de sua manipulação por muitos grupos direitistas como o GRECE, justificaria a união de povos europeus em torno de ideais que lhe são próprias, como bem ilustra a mobilização da teoria de Dumézil pelo Nazismo (GINZBURG, 1985: pp.695-715). Dessa forma, segundo a ideologia da *Nouvelle Droite*, “é clara a existência de uma cultura indo-europeia, que transcende os estados-nações, biologicamente determinada (SILVA, 2019: p.12).

Esse apelo aos indo-europeus eclode não só numa rememoração e instrumentalização das cargas culturais, biológica e, principalmente, religiosa, mas, também, no modo de interpretar e articular a sociedade estruturalmente, ou seja, “isso também implica uma hierárquica e aristocrática visão de sociedade” (FLOOD, 2000: p.256). Dessa forma, reproduz-se algumas primazias nazifascistas: o culto ao líder e o corporativismo baseados numa hierarquia racial estabelecida historicamente, como resposta à crise entendida como cultural, uma inversão de valores propriamente dita. Pierucci diz que “A Nova Direita prima por diagnosticar a crise geral do mundo contemporâneo como uma crise primeiramente cultural, uma crise de valores, de maneiras, crise moral.” (PIERUCCI, 1999: p. 59).

Fruto de uma cisão entre membros do GRECE, entre eles Pierre Vial, surge o grupúsculo *Terre et Peuple*, que tem como ideal de atuação a “*resistência identitária*” face a uma ameaça vinda do exterior e também do interior: a globalização, ou *mundialização*, e os imigrantes muçulmanos são os principais adversários do grupo, sendo eles inimigo externo e interno, respectivamente. O grupo conta com um periódico de mesmo nome, através do qual produz-se e realiza-se intelectualmente no campo cultural, levando a

efeito publicações sobre a história nacional, regional e europeia, que visam preservar uma identidade étnica em risco de extinção.

O círculo direitista radical conta com sedes não só em diversas regiões da França, como na Ilha de França, Bretanha e Alsacia, por exemplo, como também em outras nações do continente europeu (Espanha, Portugal, Bélgica, Suíça, Luxemburgo e outros). As manifestações político-culturais resumem-se, mormente, em visitas a sítios arqueológicos, acampamentos, mesas redondas, assembleias comunitárias aonde se decidem os rumos de ação do grupúsculo, e também festas organizadas em função de eventos do calendário pagão.

Através dessas atividades e da sua considerável produção intelectual, *Terre et Peuple* intenta empreitar um combate *metapolítico* contra o “desenraizamento” e a dissolução étnica do povo francês e europeu. Esse embate, entretanto, se dá a serviço de uma agenda política e cultural xenófoba, racista e violenta, tendo como pilar uma releitura falseada e pseudocientífica do passado indo-europeu, ou gaulês no caso específico da França.

Nesse sentido, *Terre et Peuple* anuncia, categoricamente, ter por eixo basilar de ação a conscientização do povo francês para o que designa de uma guerra étnica, e face a este evento objetiva preparar os seus leitores e militantes para um preempatório e decisivo evento. A respeito do conceito de *Guerra étnica*, Pierre Vial dirá:

Nós caminhamos para uma guerra étnica e esta guerra será total. (...) é necessário, então, preparar mental, psicológica, moral e psicicamente o maior número possível de nossos compatriotas nesta perspectiva, afim de que eles vivam neste desafio o menor mal possível, ou seja, dando a si mesmos o máximo de chances de sobreviver. Este imperativo dá todo seu sentido a nossas atividades: organizando passeios, visitas de sítios e exposições,

conferências, estágios de formação, nós queremos colocar em alerta os homens e as mulheres de nosso povo sobre o sentido dos afrontamentos que se preparam e forjar sua determinação face a isso (*Terre et Peuple*, n. 01, 1997, p. 04)

Vial, fundador e editor chefe de T.P, se mostra como figura medular do grupo, tanto no que diz respeito à militância política quanto à produção intelectual, de modo que ambas as categorias (teoria e prática) se encontram fundidas na personalidade condutora. Professor aposentado de História Medieval da Universidade de Lyon III, Vial nasceu em meio à segunda guerra (1942) e desde jovem militou em movimentos à extrema-direita. Segundo Christopher Flood, “desde 1958 até se juntar ao *Front National* em 1988, ele [Vial] pertenceu a uma série de partidos neofascistas de curta vida.” (FLOOD, 2000: p. 251). Como professor universitário se mostrou “figura de liderança no fortemente controverso Instituto de Estudos Indo-europeus, o qual promoveu um ponto de convergência para a extrema-direita universitária” (FLOOD, 2000: p. 251). O instituto, de uma vertente fascista de tendência pagã, visava, primeiramente aferir aparências científicas ao GRECE na construção de um elo entre História Antiga e História Nacional. De forma inusitada, foi erigido na Universidade de Lyon III, ou Jean Moulin,; “a mesma universidade que leva o nome do herói da resistência francesa se constituiu em um verdadeiro polo da extrema-direita” (SILVA, 2019: p.04).

O Instituto de Estudos Indo-europeus fechou as portas em 1999, “após uma sindicância conduzida pelo Ministério da Educação Nacional para apurar casos de racismo e negacionismo” (SILVA, 2019: p.04). O relatório, realizado por Henry Rousso¹¹, denota a tentativa de ocupar ideologicamente a universidade, em um processo para transforma-la um polo do pensamento

¹¹ Rapport Sur le négationnisme et le racisme à l'université Lyon III, 2002. Henry Rousso.

neofascista, levado a cabo por parte da extrema-direita francesa. Neste documento pode-se encontrar uma lista, por exemplo, com os professores contratados entre os anos 1970 e 1980; neste intervalo foram recrutados nove professores e, extraordinariamente, sete (07) deles pertenciam ao GRECE, o coração do pensamento novo-direitista.

Já após ter fundado *Terre et Peuple*, Vial irá cindir com o *Front National*, aonde há mais de dez anos desempenhava importante papel intelectual, em 1999, para se ligar a Bruno Mégret no Movimento Nacional Republicano. Dessa maneira, sob os “novos quadros de Mégret, Vial irá encontrar uma convergência muito grande em relação às suas ideias sobre ‘identidade francesa’ e ‘identidade europeia’” (SILVA, 2019: p.05), transubstanciadas, certamente, para o ideário de *Terre et Peuple*.

O intuito agora é “reunir as regras através das quais se opera a fabricação do outro” (HARTOG, 1999: p.229). Sendo assim, o conceito de *Identidade* está intimamente ligado às ideias de nação e de tradição, e consequentemente às extremas-direitas, pois, essas ideias preconizam em si uma forma de união, de singularidade, através da exclusão e da mobilização do passado antigo lido como nacional. Hobsbawm irá dizer que:

Mito e invenção são essenciais à política de identidade pela qual grupo de pessoas, ao se definirem hoje por etnia, religião ou fronteiras nacionais passadas ou presentes, tentam encontrar alguma certeza em um mundo incerto e instável, dizendo: ‘somos diferentes e melhores do que os outros. (HOBSBAWM, 1998: p. 21)

Mergulha-se, assim, nas origens, lendas e mitos, de um povo considerado o seu antecessor, em clara oposição a um vizinho, ao outro, visto como a própria negação de sua existência; identidade é, portanto, “produto

da marcação da diferença e da exclusão” (HALL, 2000: p.109) que visa firmar a sua singularidade ou superioridade em um mundo de conflitos, regido pelas segregações étnicas, de nacionalidade ou de religiosidade. Silva irá dizer que “A concepção de identidade para o grupo é muito próxima daquela de outros grupos de extrema-direita franceses, mas marca-se pela exacerbação de uma ideia orgânica de união entre identidade cultural e identidade étnica [...]” (SILVA, 2007: p.187)

O ideal do grupo perpassa pela questão da diferença como um estruturante natural dos povos que devem ser preservados hermeticamente. No caso do povo europeu, as particularidades locais devem ser exaltadas e resguardadas em nome da unidade de uma *Grande Europa* como lei eterna, e esse é o papel de uma nação forte:

Reivindicamos o direito a uma identidade para todas as comunidades e para todas as pessoas” [...] “ afirmamos nossa identidade europeia, a identidade dos povos da Europa nas terras da Europa. (*Terre et Peuple*, n. 32, 2007, p. 27)

Para os membros de *Terre et Peuple*, Identidade, nesse sentido, é a *união* forte e imperial em torno da *pluralidade* dos povos indo-europeus, isto é, a identidade do povo francês, construída fortemente ao cerco dos gauleses e francos, deve-se mostrar em uníssono com os outros descendentes dos indo-europeus, a fim de daí emergir um bastião da “Grande Europa”, uma nação europeia. Isso, destarte, “significa a vontade de sermos nós mesmos, fiéis às nossas origens, a nosso sangue, juntamente à vontade de lutar que nos inspira” (*Terre et Peuple*, n. 31, 2007, p.03). Esse engajamento na política, como movimento antiliberal, ou antiglobalização, se constitui uma luta em que o objetivo principal é o estabelecimento de uma comunidade étnica, ou seja, hierarquizada a partir dos valores de etnia e cultura - no caso, aqueles

ligados umbilicalmente ao neopaganismo e às estruturas aristocráticas das sociedades indo-europeias e sucessores. O grupo objetiva ser um veículo das múltiplas identidades dos povos europeus, unindo-as sob a perspectiva de uma irmandade europeia em comum, busca viabilizar “a existência de uma rede identitária, estruturada e ativa à escala europeia [que] é uma garantia de esperança que indica o caminho a ser traçado” (*Terre et Peuple*, n. 32, 2007, p. 19)

No entanto, crer em “uma identidade absoluta e radicalmente compartilhada está na base de diferentes divisões e fundamentalismos.” (SILVA e BATISTA, 2017: p.13), o que implica em propagar uma identidade totalmente excludente e, em última instância, racista. É o que acontece com o conceito desenvolvido pelo grupo. Ele se sustenta a partir de um elogio máximo da diferença, a ponto de dizer que estas são sagradas, naturais e devem ser preservadas a todo custo. Esse conceito elevado a potência por *Terre et Peuple* faz com que o grupo marche pela defesa das identidades de modo geral, sejam elas concernentes a qualquer etnia, pois, a cultura material, a tradição intelectual e o fenótipo de um povo são concepções que beiram o sagrado.

No entanto, as identidades devem estar geograficamente delimitadas por sua terra de direito histórico. *Uma terra, um povo, um povo em uma terra*. Portanto, os outros povos são dignos de solidariedade e de irmandade somente quando habitam a sua terra por direito histórico; os imigrantes são, nesse sentido, uma anomalia produzida pela modernidade, e se mostram segundo o grupo, como substrato de conflitos. Pois, uma terra e dois povos, um originário e o outro exógeno, são sinônimo de embate étnico. A esse respeito, Silva diz:

Para T.P, os imigrantes não-europeus na Europa são desenraizados e sofrem as consequências disso por um sistema liberal-capitalista perverso (VIAL, 2000a:1). A solução é o retorno às suas terras e a seus povos de origem, onde encontrarão o pertencimento, as raízes, as respostas para seus problemas (SILVA, 2007; p. 187)

Esse jogo dinâmico entre as ideias de enraizamento e desenraizamento, face a imigração, permite que se suavize o racismo nas suas aparências. É o elogio da diferença, uma pauta antes da esquerda, levado a absoluto pela Nova Direita, promovendo o que se chama de um novo racismo, ou racismo subjacente, agora mascarado e mais perverso. Silva irá dizer que “essa concepção de identidade permite ao grupo, como ocorre de maneira similar com os outros, o discurso em torno do respeito à diferença, com o refutar da classificação de racistas.” (SILVA, 2007: p. 187).

Pierre André Taguieff, intelectual francês do antirracismo, notou que em princípios dos anos 70 surgia algo novo no ideário da *Nouvelle Droite*, um novo modo de segregar e odiar¹². “Um novo racismo estava emergindo, e expressava-se na linguagem do antirracismo.” (DIATKINE, 2015: p.19), consequentemente, era primordial reinventar o antirracismo.

O novo racismo francês “retorce o direito à diferença em direito de um povo permanecer como é, em sua terra natal e sem misturas.” (PIERUCCI, 1999: p.52), de modo que o tema dominante não seja a hereditariedade biológica, e sim a tradição cultural e étnica de um povo, que deve ser respeitada e irredutível em absoluto. Nesse sentido, a análise de Taguieff sobre esse novo racismo garantiu-lhe a conclusão de que foi uma manobra

¹² Essa teoria de Taguieff se encontram, mormente, no texto de 1984 “L’identité française et ses ennemies” aonde o autor desenvolve a ideia de um racismo subjacente aliado ao Nacional racismo.

levada a cabo pela direita, de apropriação de pautas antes à esquerda, isto é, a reconfiguração do direito à diferença. Os “argumentos usados contra a esquerda”, então, “provém da própria esquerda”. (PIERUCCI, 1999: p.51)

O racismo se torna aqui uma ferramenta poderosa de defesa cultural frente a iminência de uma Guerra Étnica, em essência uma guerra cultural, que visa defender a Identidade do povo francês e europeu face a imigração, uma “tragédia” cultural. A defesa da etnia em meio a este conflito se dá através da própria Identidade, isto é, para defender é necessário rememorar e reencenar os antigos ancestrais, reviver as lendas e mitos dos povos indo-europeus, como forma de reencantar o mundo. O neopaganismo entra aqui, como a segunda forma do discurso, o par da forma Identidade, pois, é a manifestação concreta deste conceito. Ser neopagão é encarado como uma necessidade de sobrevivência étnica e também como forma de ação política. O grupo dirá que “mitos e Lendas estão em ressonância com a alma de um povo e, como tais, provam-se imprescindíveis para a reativação de uma consciência *identitária*.” (*Terre et Peuple*, n. 01, 1997, p. 06).

Assim, mitos e lendas antigos, trazidos à práxis servem, desse modo, para “reativar” não só essa sagrada identidade, mas também para reviver aquela hierarquia social desigual e aristocráticas, normas patriarcais e raciais que tem efeitos incisivos nas direções políticas a serem tomadas ou fomentadas na atualidade. O Neopaganismo é, em si, tido como uma herança histórica indo-europeia, fundamental à manutenção e perpetuação de uma sagrada identidade, a qual os membros do grupo se mostram fiéis reprodutores, o que implica reproduzir também normas e costumes que, no cenário do século XXI, remetem a ideais de racismo étnico ou cultural.

Nas suas edições trimestrais além de encontrar artigos sobre os mais diversos assuntos políticos e culturais, nos quais os autores expressam seu

viés direitista radical, pode-se notar inúmeras referências ao retorno aos ritos pagãos; segundo Flood:

Vial e outros membros da revista se embasam num neopaganismo que celebra o sol e as estrelas, os solstícios e equinócios, as regiões polares e outros locais que são tomados como reposições do sagrado, a redescoberta da espiritualidade em contato com o mundo natural é tomada como essencial para a cura do materialismo da moderna, urbana e consumista civilização. (FLOOD, 2000: p.256)

Em outras instancias das práticas do paganismo, inúmeros artigos da revista fomentam fortemente um festejo inteiramente ritualístico no que diz respeito às datas comemorativas, visando a materialização dos mitos e ritos pagãos dentro dos lares franceses. Em função disso,

Cada família possui uma espécie de calendário com as datas comemorativas para ela. Por que não escolher uma ou mais para promover a reunião familiar, a fim de honrar as memórias dos ancestrais? É assim que as tradições se firmam... (*Terre et Peuple*, n. 46, 2010, p. 15)

Um exemplo desse fomento às práticas religiosas é notado em um dos artigos denominado “Solstício de Inverno”, em que Jean Haudry, importante nome do grupo e “especialista” na questão dos indo-europeus e seus paganismos, evidencia a necessidade de celebrar os solstícios sazonais e como eram feitos, a fim de que sejam reproduzidos na atualidade:

Para aqueles que celebram em conjunto, o solstício de inverno é uma celebração alegre, onde carnes e vinhos são acompanhados por canções não menos revigorantes. Para aqueles que celebram em isolamento, é também o tempo de

silêncio e reflexão, a preparação mental para o cruzamento de um inverno que pode ser longo e rigoroso. (HAUDRY, ed. 26, p. 07. 2005)

A forma Neopaganismo do discurso, contudo, age como arma frente a uma crise geral dos valores, da história, dos povos, como meio concreto para solução deste problema. Para Vial, há uma inversão dos valores naturais da moral humana. A modernidade (globalização) distanciou os homens do místico, do divino, da natureza; houve uma ruptura da dualidade germinal que harmoniza e dita o movimento humano.

A sociedade em que vivemos está doente. Ela está atormentada por uma AIDS mental que é a inversão de valores, mãe das contradições internas que vão fatalmente eclodir cedo ou tarde em uma implosão. Porque não desafiamos, impunemente, as leis da natureza, as leis da vida. (*Terre et Peuple*, n. 01, 1997, p. 02)

Há um claro apelo a Nietzsche no discurso, no que diz respeito à inversão dos valores, sendo fruto de um conflito entre a moral do homem comum e a moral da ave de rapina, o homem europeu. É necessário, então, vencer esta batalha e isto só é possível com a defesa da Identidade, da cultura, com o elogio absoluto da diferença. Pierre Milza irá dizer que essas são as condições “para a formação desta super-humanidade, cujo princípio é diretamente inspirado pelo pensamento nietzschiano e que é chamado a desempenhar na sociedade futura o papel de uma Nova Aristocracia. “ (MILZA, 2002: p.203). É, certamente, o princípio da desigualdade natural entre os homens levado a efeito pela forma Neopaganismo, sendo esta a única maneira de se reencontrar com a Europa verdadeira, pré-cristã. Contudo, este apelo ao filósofo se dá de maneira reducionista, pois, o tornaram com

esta interpretação um profeta do poder. “Nietzsche pretendia que seus conceitos mais famosos, como a vontade de poder e o super-homem, se aplicassem apenas à esfera dos pensamentos e ideias, não da política e da ação.” (EVANS, 2003: p.79).

Essa fórmula de análise social proposta pelo grupo, isto é, “uma constatação, uma análise das causas e uma apresentação dos remédios” (SILVA, 2019: p.13) permite aferir possibilidade de superação acerca da crise de valores constatada, isto é, a decadência da Europa multicultural, configurando-se o discurso assim como uma crítica do presente. Essa superação se daria somente através do estabelecimento de comunidades étnicas, a partir da defesa da Identidade e do fomento ao Neopaganismo como estruturante. Esse futuro imaginado, certamente uma utopia, se aproxima em demasia da doutrina nacional-socialista, no que se refere às concepções de história, de passado original, de modo de produção, de raça e organização social. *Terre et Peuple* propõe a construção de comunidades étnicas baseadas no povo puro e na terra de direito, organizadas segundo uma hierarquia patriarcal e aristocrática. Essas comunidades confluíam em eterna conciliação numa grande nação europeia, uma Europa unida em torno da pluralidade dos descendentes puros dos indo-europeus. Essa ideia não tem nada de revolucionária, pelo contrário, mira-se uma contrarrevolução que cure o modo de produção capitalista dos males da globalização, transpondo-o para uma forma nacional, chauvinista, aonde reine a harmonia de classes, conforme leis válidas para todos os tempos, com base na terra e no povo, assim como o Hitlerismo. Nesse sentido,

Hitler explicava que, a seu ver, o capitalismo estava doente, mas os fascistas não queriam destruí-lo, e sim curá-lo. Fazia-se uma distinção entre bons capitalistas (patrióticos) e os maus

(acumpliciados com a conspiração judaica mundial). (KONDER, 1977. p. 84)

Em conclusão, no sentido da teoria e da ação política, ou metapolítica, os dois conceitos atuam em conjunto para a manifestação da “resistência identitária”. Identidade é um ideal sagrado, porque diz respeito à rememoração dos ancestrais, à História da nação, de regiões, e do continente, (que se embaralha de modo inerente com a História Antiga) e que urge ser preservada e defendida mediante a existência de uma Guerra étnica. A defesa da *Identidade*, frente à miscigenação que ameaça “diluir o fenótipo europeu”, é executada de forma dinâmica através dela mesma na forma Neopaganismo, isto é, se compreende o mundo e se procura agir sobre ele a partir da própria compreensão; é a conciliação dos opostos *teoria e prática*. Deste modo, para defender é necessário rememorar e reencenar aqueles ancestrais, reviver as lendas e mitos dos povos indo-europeus, como forma de reencantar o mundo. Este mundo desencantado, que deve ser sacralizado novamente, é assolado por uma crise moral e étnica, e se encontra nesse estado em decorrência, primeiramente, de uma moral cristã que demoniza, que desencanta, e também como resultado dos avanços da globalização. Esta última é encarada como responsável pelo processo de miscigenação, que amalgama culturas e raças em uma só massa amorfa. Este cenário de crise é endossado também pelo medo de uma resposta à esquerda, e daí decorre o caráter anticomunista e contrarrevolucionário de *Terre et Peuple*.

Mediante este cenário imaginado de conflito entre valores morais e raciais, o grupo se coloca como conscientizador do povo francês, visando preservar a existência das etnias europeias. Para isso, as práticas neopagãs são encaradas como um instrumento histórico e político de transformação, isto é, estruturante de uma nova organização social. Sua função, desse modo,

não é somente cultural e religiosa, mas é, sobretudo, política; é a de recuperar uma tradição rompida, recuperar o nobre, o belo, a aristocracia, a “raça pura” dos povos antigos, que o cristianismo destruiu, e que a globalização vem dissolvendo. É a resposta desesperada a um trauma da modernidade.

A solução, assim, advém da imaginação de um futuro contrarrevolucionário, e é preenchida por uma ideia de capitalismo sadio e chauvinista, aonde reine a harmonia entre as classes a bem da nação francesa e da união imperial europeísta. Seriam estabelecidas comunidades étnicas, com base no povo (raça) e na terra, organizadas socialmente de forma aristocrática e patriarcal. Uma concepção de história, sociedade, religião e cultura, certamente, Nacional-Socialista. A eterna Serpente de outrora concebeu um novo Ovo e “através da fina membrana, pode-se distinguir um réptil já formado”¹³, um réptil mascarado, subjacente, que se diz reinventado. Estejamos alertas para o amadurecer destas jovens víboras.

FONTE

Revista *Terre et Peuple*: as edições são lançadas quadrimestralmente, e o período em análise está compreendido entre 1997 e 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Liberalismo e conservadorismo. In: O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil* / Luís Felipe Miguel [et al.]; organização Esther Solano Gallego; São Paulo. Boitempo, 2018 (Tinta Vermelha);

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

¹³ Frase do filme que dá nome ao capítulo.

- ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. *Colaboracionistas, Terroristas, e Exilados políticos: a Extrema-direita francesa e a fundação do Front National (1945-1972)*. Projeto História, São Paulo, n. 52, pp. 295-306. 2015;
- ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. *O desenvolvimento da extrema-direita na França e o Front National*. Revista Temporalidades UFMG, V.06, N.03, pp. 50-67, 2014;
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora da Unesp, 1995;
- COGGIOLA, Oswaldo. *A História do Capitalismo*. São Paulo, Ariadna Edições, 2019;
- DIATKINE, Manuel. *O antirracismo dos intelectuais: o caso de Pierre-André Taguieff*. Revista Angelus Novus, Ano VI, n. 9, pp. 17-40, 2015;
- DUMÉZIL, Georges. *Science et politique: response à Carlo Ginzburg*. Annales ESC, Paris, septembre-octobre;
- DURANTON-CRABOL, Anne-Marie. *La « nouvelle droite » entre printemps et automne (1968-1986)*. In: Vingtième Siècle, revue d'histoire, n°17, janvier-mars 1988. pp. 39-50;
- DURANTON_CRABOL, Anne-Marie. *Visages de la Nouvelle Droite: Le GRECE et son histoire*. France, Presses de Sciences Po, 1988;
- EVANS, Richard J. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo, editora Crítica, 2014;
- FRANÇOISE, Stephan. *Les paganismes de la Nouvelle Droite (1980-2004)*. Science politique. Université du Droit et de la Santé - Lille II, 2005. Français;
- FLOOD, Christopher. *The cultural struggle of the extreme right and the case of Terre et Peuple*. University of Surrey, UK;
- GOODLIFE, Gabriel. *Globalization, Class crisis and the extreme-right in France in the new century*. In: *Varieties of Right-wing extremism in Europe*. Edites by Andrea Mammone, Emmanuel Godin and Brian Jenkins. UK, editora Routledge. 2013;
- GUINZBURG, Carlo. *Mythologie germanique et nazisme. Sur um ancien livre de Georges Dumézil*. Annales ESC.

- HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133;
- HARTOG, François. *O século XXI e a História: o caso Fustel de Coulanges*. São Paulo: editora UFRJ. 2003. 44;
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte, editora UFMG, 2014;
- HOBBSAWM, Eric J., RANGER, Terence (Orgs). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim de Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984;
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. São Paulo, editora Expressão Popular, 2018;
- LEONI, Tristan. *Race et Nouvelle Droite*. Artigo disponível em: www.ddt21.noblogs.org , 2018;
- MILZA, Pierre. *L'Europe en chemise noire: les extrêmes droites européennes de 1945 à aujourd'hui*. Paris: Fayard, 2002;
- OLIVEIRA, Humberto Nuno de. *Dominique Venner e o ofício de historiador ou um historiador sem amarras*. Revista Lusíada de História, pp. 280-301. 2013;
- PIERUCCI, Flavio Antônio. *Ciladas da diferença*. São Paulo, editora 34, 1999;
- SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. Trad. Sergio Molina. São Paulo, Edusp. 2005;
- SILVA, Glaydson. *Guerra Étnica, Guerra Cultural, Guerra Total: a interpretação de dados históricos e arqueológicos sobre a Antiguidade pela revista de extrema direita francesa Terre et Peuple (1999 – 2016)*. Revista Phoênix, UFRJ. V.25, N.01, 2019 (no prelo);
- SILVA, Glaydson José: *um estudo de apropriações da Antiguidade sob o Regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo, FAPESP. 2007;
- SILVA, Glaydson José da; SILVA, Jair Batista da: *Identidade, diferença e ra-*

Da serpente ao ovo:...

cismo. In: Política da promoção da igualdade racial na escola / José Carlos Gomes da Silva, Melvina Afra Mendes de Araújo, Flávia Alves de Sousa (orgs.). - São Paulo: Unifesp, 2017. 423 páginas;

TAGUIEFF, Pierre-André. *Sur la Nouvelle Droite*. Paris: Descartes e Cie, 1994.

